

## **SOBRE ENTREVISTAS DE PESQUISA, INTERSUBJETIVIDADE E A IMPORTÂNCIA DE NÃO SE NEGLIGENCIAR A SITUAÇÃO**

*ABOUT RESEARCH INTERVIEWS, INTERSUBJECTIVITY AND THE IMPORTANCE OF NOT NEGLECTING THE SITUATION*

*Liana de Andrade Biar<sup>1</sup>*

### **RESUMO**

Meu propósito neste artigo é o de refletir sobre a relevância da relação intersubjetiva que se estabelece entre pesquisador/a e colaboradores/as na cena da entrevista de pesquisa. Meus argumentos estarão ancorados na Análise de Narrativa, mas se identificam com qualquer outra perspectiva construcionista de pesquisa e performativa de linguagem. Ao longo do artigo, apresento diferentes posições teóricas sobre as entrevistas de pesquisa e explico por que uma dimensão situada deveria ser considerada na pesquisa social qualitativa como um todo. Me servirei de uma lente goffmaniana para analisar dados oriundos de diferentes pesquisas narrativas realizadas por mim e por meus orientandos no sistema prisional do Rio de Janeiro. Em todas as análises, procuro mostrar como as respostas de entrevistados/as são contextualmente relativas e não podem ser alienadas da sequência interacional em que foram produzidas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Entrevista de pesquisa. Intersubjetividade. Estigma. Pressuposições sociais.

### **ABSTRACT**

My purpose in this paper is to reflect on the relevance of the intersubjective relationship established among researcher and collaborators in the research interview scene. My arguments are anchored in Narrative Analysis, but they are identified with any other constructionist perspective on research and performative perspective on language. Throughout the text, I present different perspectives on research interviews and explain why a situated dimension should be considered in qualitative social research as a whole. I will use a Goffmanian lens to analyze data from different narrative research carried out by me and my students in the Rio de Janeiro prison system. In all analyses, I show how interviewee responses are contextually relative and cannot be alienated from the interactional sequence in which they were produced.

**KEYWORDS:** Research interview. Intersubjectivity. Stigma. Social assumptions.

### **1. Introdução**

Meu propósito neste artigo é refletir sobre a relevância da relação intersubjetiva que se estabelece entre pesquisador/a e colaboradores/as na cena da entrevista de pesquisa<sup>2</sup>. Embora as reflexões aqui condensadas possam ser úteis a qualquer pesquisa que se apoie em dados gerados em entrevistas, devo dizer, desde o princípio, que meus argumentos estarão primariamente ancorados desde a visada da Análise de Narrativa que tenho praticado (Biar *et al.*, 2021), uma área que se alinha teoricamente com os estudos sociointeracionistas da fala-em-interação (cf. Fabrício, 2020).

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), [lianabiar@puc-rio.br](mailto:lianabiar@puc-rio.br), <https://orcid.org/0000-0002-8673-8668>.

<sup>2</sup> A noção de intersubjetividade está sendo invocada aqui desde uma perspectiva interacionista, para nomear a sincronia que se estabelece entre indivíduos em interação e na qual se produzem sentidos sobre a realidade e as ações humanas (cf. Riessman, 2008).

Em breve resumo, a Análise de Narrativa configura-se como uma vertente de análise discursiva interessada em conciliar a emergência de histórias nas interações humanas e a relação indexical que estas estabelecem com posições sociais, dimensões históricas, culturais e embates discursivos que extrapolam a própria história (Biar *et al.*, 2021). Nessa abordagem, entende-se que histórias são narradas em práticas discursivas que tanto refletem quanto moldam diferentes níveis de contexto (De Fina; Georgakopoulou, 2008). Adota-se no campo uma perspectiva interacional que nos faz refletir acerca do que os atores sociais reproduzem e reforçam, mas também do que contestam e modificam ao narrar. Ou melhor: ao co-narrar.

Um aspecto fundamental da Análise de Narrativas é que não se pode perder de vista a relação entre os/as interlocutores/as e a maneira como estes/as cooperam na seleção, construção e avaliação dos elementos narrativos e seus significados. Ainda de acordo com De Fina e Georgakopoulou (2008), este é o coração dessa vertente teórica: narrar é sempre uma prática conjunta e produto de muita negociação.

Do ponto de vista metodológico, a área frequentemente lança mão das entrevistas qualitativas como recurso de geração de dados<sup>3</sup>. Uma preocupação central do campo a esse respeito tem sido evitar destacar as narrativas produzidas por entrevistados/as de seu contexto local de emergência, e considerar cuidadosamente os efeitos da presença física ou virtual do/a entrevistador/a sobre os dados que se produz, bem como seu papel ativo em cada lance interacional do encontro (cf. De Fina; Perrino, 2011). Isso porque, no trabalho com narrativa, estão em jogo no mínimo dois cronotopos<sup>4</sup>: aquele que compõe o domínio espaço-temporal da história que está sendo contada, também chamado de “mundo narrado” (Perrino, 2005), e aquele que diz respeito à situação em que a narrativa está sendo produzida, ou o “mundo narrativo” (idem).

A entrevista de pesquisa deve então ser analisada como um dentre os variados “mundos narrativos”, que passamos a compor enquanto pesquisadoras/es com nossos/as colaboradores/as de pesquisa. Nestes mundos estabelecem-se relações que, parafraseando o famoso artigo de E. Goffman (1964), não devem ser negligenciadas. Ao longo deste artigo, meu principal objetivo será explicar por que essa dimensão situada parece tão central para estudos com dados gerados em entrevista e, adicionalmente, por que ela deveria ser considerada na pesquisa social qualitativa como um todo.

Essa discussão não é nova, mas, nos últimos anos, tenho colecionado cenas de pesquisas minhas e de meus/minhas orientandos/as que iluminam especialmente esses pontos. Trago aqui alguns desses exemplos, que frequentam assiduamente minhas aulas de metodologia, especialmente as sessões sobre como analisar entrevistas. Meu esforço neste artigo será o de reunir diferentes argumentos teóricos, somá-los a uma proposta analítica concreta e oferecer exemplos de aplicação.

Por predileção teórica, me servirei de uma lente goffmaniana para ilustrar os diferentes excertos, privilegiando uma “lâmina interacional” (Biar, 2012) de análise. Por conta das limitações

<sup>3</sup> Aliás, o campo da pesquisa qualitativa em geral investe massivamente nas entrevistas como prática de geração de dados (Denzin; Lincoln, 2003).

<sup>4</sup> Uso o conceito de cronotopo aqui conforme formulado por Bakhtin e incorporado na área de Análise de narrativas (De Fina, 2021): indissociabilidade entre tempo e espaço que se usa na construção narrativa.

de espaço, selecionei para isso dados gerados em diferentes pesquisas narrativas em torno do sistema prisional do Rio de Janeiro – um contexto especialmente tensionado e que nos serviu de campo nos últimos anos.

Início o artigo apresentando abordagens tradicionais e contemporâneas da entrevista de pesquisa, sublinhando as ascendências teóricas da perspectiva de que me sirvo na análise de dados. Em seguida, a partir de uma revisão assentada na obra de Goffman, defino as categorias que usarei como lente para revisitá os exemplos de pesquisa selecionados. Após tecer em minhas considerações finais algumas vantagens da análise proposta, apresento uma lista de pontos que me parecem especialmente importantes de se considerar por aqueles que se iniciam na prática de geração de dados a partir de entrevistas qualitativas.

## 2. Entrevista de pesquisa

Uma consulta básica ao infame *Chat GPT*<sup>5</sup> retorna a seguinte definição para o termo ‘entrevista de pesquisa’: “um método de coleta de dados qualitativos no qual um pesquisador faz perguntas a um entrevistado com o objetivo de obter informações sobre um determinado tópico”. Como se sabe, esse aplicativo gera as suas respostas a partir do *webscraping* de várias fontes da internet, acadêmicas e não acadêmicas. Embora tenhamos muitas razões para desconfiar do tipo de respostas que obtemos nesta e em outras fontes da internet, uma busca como essa pode dar a ver conceitos, crenças e usos do termo, os quais, se não forem mais frequentes, são certamente de grande circulação no vasto universo da internet e do senso comum.

Não apenas lá, mas em muitas áreas do fazer científico, as entrevistas têm sido vistas como mero procedimento de obtenção de dados, em que não se costuma considerar o papel constituinte do entrevistador no que ali se passa. Em um sem número de manuais de metodologia e relatórios de pesquisa, percebe-se uma perspectiva onto-epistemológica, nem sempre explícita, mas definitivamente pervasiva, assentada, por um lado, em “construções ideológicas modernas” (Fabrício, 2016) de fundo representacionista e, por outro, em uma visão objetivista de conhecimento científico.

Nessa linha, costuma-se, em relação às entrevistas:

(i) projetar-lhes o conhecido modelo comunicativo “telementacional” (Harris, 1988: 205), em que se aposta na eficiência e transparência da linguagem em relação ao pensamento e na alternância de papéis ativos e passivos entre os/as interlocutores/as. Em tal modelo, atribui-se para os/as respondentes um tipo de racionalidade universal que lhes permite compreender sem ruídos questões pré-formuladas que servem como estímulo a respostas verdadeiras, transmitidas de forma linear, eficiente e colaborativa;

(ii) confiar que as respostas e histórias produzidas pelo/a entrevistado/a revelam genuinamente um “*selfintegrado*”, consistente e perene, compatível com a imaginação ocidental moderna (Gubrium; Holstein, 2003);

<sup>5</sup> Trata-se de um aplicativo de inteligência artificial, popular em 2024, capaz de responder instantaneamente a perguntas e questões formuladas por seus usuários. A Consulta foi realizada em 20 de março de 2024.

(iii) concebê-las como um recurso (Rapley, 2001) de pesquisa extrativista em que cabe a o/a entrevistador/a pré-estabelecer os tópicos a serem abordados e distribuir os turnos de fala, reduzindo-se ao máximo os efeitos da interação de modo a incrementar a confiabilidade da coleta de dados (Briggs, 1983);

(iv) acreditar na prerrogativa do/a pesquisador/a de, uma vez coletadas e analisadas as respostas, julgar, conforme seus próprios parâmetros, a adequabilidade dos dados;

(v) conferir controle a o/a pesquisador/a no que diz respeito à representação da fala (muitas vezes glosada ou editada) nos relatórios de pesquisa.

Nos estudos do discurso e da interação, suposições como essas poderão ser problematizadas com base em princípios bem sedimentados na sociologia interacionista e na antropologia contemporânea. Falarei brevemente desses princípios antes de apresentar algumas redefinições que, baseadas neles, foram propostas para a entrevista.

Vem do projeto interacionista (Blumer, 1937; Goffman, 1964; Hymes, 1971, entre outros) a proposta de observação dos encontros interpessoais como *loci* privilegiado de investigação dos fenômenos sociais e linguísticos, reconhecendo a centralidade desses encontros, e da troca entre os interlocutores, na interpretação da realidade. Nesse sentido, as atividades semióticas estão sempre vincadas em situações sociais concretas nas quais se desenrolam outras ações interpretativas que produzem dinamicamente ordens, significados e relevância para a própria situação e também para o que é dito e feito nela. Já na antropologia, temos principalmente com Clifford e Marcus (1980) o marco emblemático de um movimento autorreflexivo sobre o texto etnográfico. Como bem condensa Coelho (2016), a tônica do livro é o giro para dentro que ele propõe ao campo, quando passa a pensar a etnografia fora da lógica representacionista. Se antes se concebia o trabalho do/a pesquisador/a como o de observador/a de uma realidade cultural social que está “lá fora” pronta para ser apreendida e descrita, agora esse trabalho passa a ser pensado como texto limitado pelo contato sempre subjetivo com o campo, que produz uma perspectiva idiossincrática sobre ele.

Nos dois movimentos intelectuais sumariamente descritos acima, a noção de intersubjetividade é central (Schutz, 1979). O sentido das nossas ações no mundo não é fixo, estável ou individual, mas produzido conjuntamente em processos relacionais. Isso faz emergir nas reflexões metodológicas subsequentes uma concepção de prática de pesquisa como uma atividade social como tantas outras da vida (Cicourel, 1964), em que pesquisadores e colaboradores, como atores sociais que são, entram em relação em encontros legítimos e singulares. Na ação de pesquisar, via etnografia, entrevistas ou ambos, os sujeitos envolvidos se constituem mutuamente, trocam experiências fragmentadas que assumem forma e sentido únicos, mas provisórios e sempre passíveis de transformação.

É nesse espírito que Briggs (1983) propõe que pensemos sobre que tipo de evento interacional e entrevista é. A partir de uma antropologia semioticamente orientada (Briggs, 2007), o autor argumenta em favor de se tomar as entrevistas de pesquisa como um objeto de análise em si mesmo, tendo em vista a pragmática complexa em que ela está envolta e as ideologias comunicativas reforçadas por

elas. Do modo aproximado, Mishler (1986) ressalta a necessidade de se analisar a entrevista como um evento de fala, dentro do qual o discurso é conjuntamente formulado. Mesmo quando diante de um roteiro prévio, entrevistador/a e entrevistados/as constroem, influenciados/as um/a pelo outro/a, formas de perguntar e responder sensíveis ao encontro. As análises precisam então levar em conta as relações que se estabelecem, biografias envolvidas, imagens de si projetadas, visões de mundo em disputa, e nunca ignorar a influência desses fatores sobre os formatos tanto das respostas quanto das perguntas. Em tentativa de síntese, Santos e Bastos (2013, p. 11) apresentam a entrevista qualitativa “como um evento interacional em que os participantes [entrevistados e entrevistadores] utilizam elementos discursivos diversos a fim de criar e manter a interação social (...) produzir avaliações sobre o mundo e [gerenciar] suas identidades sociais”.

De Fina e Perrino (2011), no campo da Análise Narrativa, reforçam o ponto de Mishler segundo o qual a presença e a influência do/a entrevistador/a devem ser tornadas relevantes em qualquer análise do discurso do/a entrevistado/a. No lugar de se pensar as narrativas como objetos discursivos *retirados* de entrevistas, as autoras propõem que se pense nelas como intimamente *vinculadas* à entrevista. Narrativas de entrevistados/as respondem necessariamente a propósitos locais relativos ao tempo, espaço e especificidades da audiência (Bauman, 1986) e, enquanto dados para análise, não devem ser extraídas da sequência de onde emergem e com qual se relacionam dialogicamente. De Fina (2009) propõe também que nos voltemos para a noção de gêneros discursivos para pensar no pertencimento contextual das narrativas. Segundo a autora, costuma-se olhar para entrevistas como se elas formassem uma categoria homogênea, embora, na prática de pesquisa, possamos identificar cenários, formatos, relações interpessoais e audiências (inclusive imaginadas, isto é, aquelas que não estão lá, mas são previstas pelos interlocutores quanto projetam a circulação da pesquisa) bem diferentes entre si.

Nesse exercício de olhar para o local, há que se ter o cuidado de não perder de vista certas questões que extrapolam o encontro, mas também o constituem. Como nos lembra Rocha *et al.* (2004), a entrevista é uma prática discursiva de demandas institucionais, composta por pessoas que frequentemente vêm de posições sociais e discursivas diferentes. As entrevistas estão assim saturadas de relações de poder que configuram restrições, permissões e formas de fazer o discurso circular. Deve-se observar como as dinâmicas interacionais interagem com formas de exclusão, inclusão e perpetuação de papéis sociais (De Fina e Georgakopoulou, 2008).

Em resumo, vê-se nessa revisão a necessidade de se tomar a entrevista como uma cena sociológica em que todos os participantes estão negociando forma e conteúdo, manejando impressões, lidando com relações de poder que estão postas, mas podem também ser negociadas. Esses são eventos não raramente modulados por conflitos e embaraços de diversas ordens; uma arena, portanto, de embates importantes, como se verá a seguir. Minha contribuição a partir de agora focalizará esse último ponto com auxílio de parte do instrumental interacionista oferecido na obra de E. Goffman. Após iluminar alguns dos conceitos dos quais me sirvo, encaminho quatro breves análises em que

assimetrias, constrangimentos e provocações não puderam ser ignorados nas explicações sobre os dados gerados.

### **3. Uma lente goffmaniana para análise da interação com entrevistados**

Iniciei este texto contrastando dois cronotopos que em geral se articulam na cena da entrevista: o evento narrado e o evento narrativo. A seção anterior nos conduz a pensar que, no lugar de invisibilizar o evento narrativo, se deve focalizá-lo com a devida atenção, porque nele se desenrolam dinâmicas situadas de uma ordem interacional fundamental para compreender os dados gerados em entrevista.

Vem de Goffman (1983a) a noção de ordem interacional da qual me socorro aqui. Distinguindo-se do domínio macroestrutural – a ordem social (ou o “macro”) –, o conceito de ordem interacional (ou o “micro”) se refere às regularidades que guiam a interação social. No projeto teórico de Goffman, é nítida a tomada desse domínio micro como um objeto substantivo em si mesmo (Goffman, 1983a, p. 2), e uma janela de acesso para o estudo da sociedade com um todo.

O ponto central de Goffman, parece ser, conforme leitura recente de Fabrício (2020), que as dimensões micro e o macro não são independentes, mas também não se complementam de modo óbvio; elas “se acoplam de modo frioso e movediço”. Nesse sentido, existem, para a ordem interacional, formas e processos próprios que podem vir a consolidar ou desafiar as ordens sociais mais estáveis. Encontrar a articulação entre os dois planos é um ponto importante das análises interacionistas e também um caminho para a análise de entrevistas. A situação de pesquisa pode vir a acirrar ou colapsar, por exemplo, diferenças consolidadas da ordem social, tais como as assimetrias raciais, de gênero, idade, classe e profissão, em face do modelo idealizado em que se espera que um entrevistador – independentemente de seus marcadores sociais – conduza a atividade e defina os turnos e tópicos da conversa. Como nota Briggs (1983), certos componentes da vida “de fora” da entrevista podem ficar em segundo plano quando os/as participantes se amoldam em seus papéis de pesquisador/a e colaborador/a. Do mesmo modo, também é possível que os/as participantes não aceitem a supressão de relações externas promovida pela situação de entrevista. Tudo isso terá de ser negociado em interação e emergirá como produto de processos intersubjetivos.

#### **3.1. Pressuposições sociais**

Parte significativa do que se desenrola na ordem interacional depende de compreensões sobre como agir em interação. Goffman (1983b) chama de pressuposições sociais aquilo que diz respeito às normas que organizam o formato da fala – e do comportamento simbólico em geral – e guiam suas interpretações. A ideia hoje já tem lugar cativo e está bem desenvolvida dentre os estudiosos da fala-em-interação: a fala é governada por regras e entendimentos comuns. Então, entrevistas de pesquisa tanto quanto quaisquer outras formas de interação cotidiana ou institucional mobilizam, por parte dos/as interlocutores/as, uma série de suposições complexas de natureza sociológica sobre como agir.

Apesar de reconhecer a semelhança e o potencial de noções pragmáticas como as de condições de felicidade e máximas conversacionais, de Austin e Grice, Goffman aponta certo etnocentrismo inerente a tais abordagens, as quais, segundo autor, se baseiam apenas em modelos de comunicação familiares aos seus pensadores, e carecem de análises contextualmente complexas e culturalmente diversas. Esses modelos tradicionais não são suficientemente eficazes na previsão de detalhes microscópicos que repousam sobre pelo menos dois tipos de elementos.

Em primeiro lugar, esses detalhes dizem respeito ao que é apropriado segundo definições de situações sociais tipificadas – os conhecidos enquadres. De acordo com Goffman (1974), a noção de enquadre diz respeito a como participantes de uma dada interação definem o que está acontecendo no aqui-agora interacional (que tipo de situação é esta?). Enquadres são culturalmente específicos e dinâmicos: suas definições são sempre negociáveis e passíveis de transformação. São dinâmicos, além disso, em outro sentido: estamos sempre nos movendo entre enquadres no curso das interações. Como os enquadres não estão dados, mas vão sendo tacitamente acordados entre os interlocutores, num único encontro, não é raro que nos vejamos diante de uma disputa de enquadres, ou que percebamos uma mudança da definição do que está acontecendo. Mostrarei um exemplo disso adiante.

Em segundo lugar, esses detalhes dizem respeito também a variáveis mais difusas, essas sim capturadas pela noção de pressuposições sociais: as singularidades de cada encontro; certas especificidades que têm a ver com o grau de intimidade/familiaridade entre interlocutores/as; as relações de poder instanciadas entre eles na interação; as possibilidades de contestação dessas relações; as diferentes necessidades de consideração, tanto e polidez para com o outro em um dado contexto; as biografias e experiências prévias individuais ou conjuntas dos interlocutores; a duração do estado de fala, e tudo mais que, de acordo com Goffman, costumamos considerar de modo implícito quando tomamos parte em uma interação. São esses então os conhecimentos comuns – como já dito, relativos, razoavelmente instáveis – sobre o como-agir-apropriadamente-em-interação.

Seguindo essa linha, para se analisar a ordem interacional da entrevista de pesquisa é preciso considerar: se entrevistador/a e entrevistado/a já se conhecem; quanto íntima e duradoura é essa relação; que tópicos são considerados apropriados, interditados ou íntimos demais nessa situação; os lugares de cada interlocutor/a na ordem social e no enquadre das entrevistas, que tipo de consideração os/as participantes devem uns aos outros nessa circunstância etc.

### **3.2. Estigma**

Pensemos aqui mais especificamente no modo como uma entrevista de pesquisa frequentemente põe em relação um/a pesquisador/a e outros indivíduos desconhecidos um do outro e que se distanciam socialmente em termos de seus marcadores sociais. A seguir, por exemplo, explorarei flashes de pesquisas realizadas em contexto prisional, e que contaram com colaboradores/as em situação de muita vulnerabilidade social, acusados/as de diferentes tipos de crime. Em termos goffmanianos, poderíamos estar, em situações sociais como essas, diante de um estigma (Goffman, 1988). O conceito

está associado à noção de pressuposições sociais, mas Goffman aqui coloca sua lupa mais próxima dos encontros em que se impõe sobre interlocutores um tipo de diferença que os/as envolvidos/as não podem deixar de notar.

Mas o estigma não é pensado pelo autor de forma essencializante, como alguma característica que está dada e que distribui, por sua própria natureza, status e poder nos encontros. O estigma será sempre relativo aos encontros; um produto da violação de expectativas sobre o que acontece em interação<sup>6</sup>. Se, na vida em sociedade, sempre fazemos certas projeções sobre como nossos/as interlocutores/as deveriam se comportar, isso também é verdade em relação a como eles deveriam ser ou parecer. A discrepância entre essas expectativas e os atributos que nossos pares efetivamente exibem no contato face-a-face é que produz o estigma, um elemento contingente que se impõe à atenção em uma dada situação e que reclassifica o elemento discrepante de forma negativa, como um defeito ou uma desvantagem. Goffman, em seu trabalho, se esforça para traçar uma distinção entre circunstâncias ordinárias, em que um elemento da apresentação de um ator social não se impõe de maneira especial, e aquelas em que o estigma comparece. Entretanto, nos termos de autor, a distinção entre ordinariedade e a extraordinariedade – ou desvio – nos encontros não diz respeito a pessoas ou atributos em si, “e sim [a] perspectivas geradas [*processualmente*, acrescento] em situações sociais” (Goffman, 2012 [1988], p. 149). É importante lembrar que, conforme as noções de ordem discutidas acima, o estigma que se vê na ordem interacional em geral atualiza assimetrias estabilizadas na ordem social, mas não necessariamente. Pode acontecer que um mesmo atributo produza uma informação estigmatizante em um tipo de encontro, e não em outro, ou que esse estatuto seja disputado no decorrer dos lances interacionais. Por serem *produzidos* na interação, não podemos categorizar estigmas de forma essencializante.

Se, no projeto goffmaniano, todo contato humano serve de palco no qual as pessoas forjam um sentido de si mesmas (o *self*) via um monitoramento mútuo das impressões, diante de um estigma, isso precisa ser feito de forma mais aguçada, com uso mais consciente de estratégias de consideração, conhecidas como trabalho de face<sup>7</sup>. A partir do trabalho de face, os/as participantes da interação gerenciam a informação estigmatizante e ajustam as expectativas do encontro enquanto agem em conjunto. Ainda segundo Goffman: “Quando normais [*sic*] e estigmatizados realmente se encontram na presença imediata uns dos outros, especialmente quando tentam manter uma conversação, ocorre uma das cenas fundamentais da sociologia porque, em muitos casos, esses momentos serão aqueles em que ambos os lados enfrentarão as causas e efeitos do estigma” (Goffman, 2012 [1988], p. 23).

Como dito anteriormente, as análises que se seguem estarão voltadas para momentos de tensão interacional destacados de diferentes pesquisas, minhas e de orientandos/as. Todas elas se

<sup>6</sup> É sempre bom lembrar, a esse respeito, que a obra *Estigma* de Goffman é parte do projeto interacionista da sociologia norte-americana, um parente da teoria da rotulação. Nessa empreitada, o desvio e o estigma são vistos como alguma coisa que é negociada a partir de interações muito complexas, resultados de processos de rotulação.

<sup>7</sup> A noção de face se refere ao valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assumiu durante um contato particular (Goffman 2011 [1967], p. 14).

debruçam sobre encontros face a face em contextos delicados. Meu objetivo ao rever estes excertos será identificar os pressupostos sociais que parecem compartilhados pelos interlocutores, observar as dinâmicas da ordem interacional e sua relação com os papéis sociais previamente ocupados, assim como os modos como eventualmente se manejam informações estigmatizadas. Ao fazer isso, espero iluminar de que modo a análise dos dados gerados em entrevistas não pode prescindir do exame da própria entrevista, enquanto evento de fala.

#### **4. Contornando as tensões**

Há vários anos, em minha tese de doutorado (Biar, 2012), entrevistei internos do sistema prisional fluminense, especificamente os condenados por tráfico de drogas, atentando para as suas histórias de vida e narrativas de adesão ao crime. Na ocasião, parti do conceito de estigma (1988) e neutralização (Becker, 1963) para descrever a minha interação enquanto pesquisadora com esses colaboradores de pesquisa, observando recursos interacionais mobilizados para conciliar as expectativas sobre as entrevistas com a extraordinariedade do desvio latente naquele contexto. Um dos recursos interacionais descritos nesse trabalho foram as técnicas de controle da informação estigmatizante.

Ao conduzir as entrevistas, eu acreditava que minha função como pesquisadora era sempre manter a face dos entrevistados condizente, não com uma linha de ação típica, ou estereotipada, de desviantes estigmatizados, mas como participantes ratificados e legitimados de uma pesquisa social. Além disso, o encontro misto – esse que põe face a face indivíduos com grandes assimetrias em termos de seus estereótipos – é frequentemente marcado pela potencialidade de linhas de ação consistentes com medo, pena, hostilidade ou humilhação, por exemplo. Para resguardar o equilíbrio interacional de tais ameaças, era preciso renunciar a certas ações, e realizar outras que poderiam ser consideradas custosas e desnecessárias em outros contextos. Enfim, o fluxo interacional estava permanentemente vigiado para que a imagem positiva reivindicada pelo *self* dos internos, bem como a sincronia típica dos encontros sem hierarquização de status social, tivesse espaço para emergir.

No excerto abaixo, reproduzo uma das entrevistas realizadas no campo. As entrevistas foram marcadas com os participantes da pesquisa após algumas semanas de interação com eles no espaço escolar de uma unidade prisional.

**Excerto 1: João<sup>8</sup>**

Liana	hh hh então tá bom. é:: João, como é que:: como é que foi tudo, João? Como é que cê:::. Quê que: basicamente aconteceu na sua vida assi:::m
João	A minha infância ela é:: muito contraditória à vida que eu levo. Eu sempre fui um:: assim jovem, na minha:: juventude, no caso na adolescência, na minha:: infância, né? como estamo::s, assim, como a senhora está me perguntando, sempre tive uma família bem estruturada, uma família bem organizada, uma família:: bem orientada. Ma:::s, o que acontece? Me faltava algo...°entendeu?°. Creio eu que pra muitas pessoas falta algo, né? No caso faltava pra mim algo material... que:: no caso, é:: como é que eu vou explicar? Haveria possibilidade da minha família me dar... isso que eu precisava, mas, devido a eu ser uma pessoa muito jovem, muito nova, minha família achou que eu não poderia ter aquilo naquele momento. Foi isso que:: fez eu entrar nessa vida.

Nessa entrevista, os papéis de entrevistadora e entrevistado estão bem delimitados. Ambas as faces estão manejadas tal como são nossas expectativas culturais sobre uma interação em que se aborda um tópico delicado. Parece haver certo zelo das duas partes em encobrir ou interditar a informação criminal que acirraria os estigmas. Certas escolhas discursivas dão este tom zeloso à interação.

Destaco, em primeiro lugar, a pergunta feita por mim. Nesse momento, em meu roteiro semiestruturado de perguntas, constava o tópico: como você entrou para o tráfico? No entanto, na sequência de abertura da entrevista, enquanto eu ainda estava negociando a confiança necessária para a fluidez das histórias, a pergunta não pôde ser formulada de tal maneira. Quero sublinhar aqui um certo constrangimento interacional, nas hesitações, falsos começos, indiretividade e evitação da informação estigmatizante que trago na formulação da minha pergunta. O trecho sugere que uso como estratégia para proteção de face do meu entrevistado o encobrimento de um conteúdo potencialmente gerador de obstáculos para uma apresentação positiva de si. Também, nesse sentido, cabe notar que o apagamento da ação na própria sintaxe da pergunta implica, logicamente, uma não atribuição de agência a João, projetando, para a adesão criminal, um sentido de acaso.

Mas não só na minha pergunta que se vê esse tipo de estratégia de evitação. A resposta de João é também extremamente cuidadosa. Em primeiro lugar, toda a narrativa que ele desenvolve pode ser lida como um *account* (De Fina, 2009), porque surge da demanda de explicar um comportamento social

<sup>8</sup> Todos os nomes de entrevistados são pseudônimos. Nos excertos foram utilizados as seguintes convenções de transcrição: os sinais de ponto-final (.) indicam pausas breves; três pontos (...) indicam pausas mais longas; o sinal de dois pontos duplicado (::) indica alongamento de vogal; o sinal de “maior que” (>palavra<), indica fala mais rápida; dois círculos sobrescritos ( °palavra°) indicam fala mais baixa; aspirações condizentes com risadas são indicadas por hh hh; por fim, parênteses duplos ((palavra)) indicam comentários da transcritora sobre sinalizações gestuais.

não normativo. Além disso, escolhas como “a vida que eu levo” e “entrar nessa vida” exigem um trabalho de inferência porque estão ancoradas na situação e sua interpretação depende de informações biográficas compartilhadas pelos interlocutores (por exemplo, o fato de João ser ainda atualmente uma liderança do tráfico). O uso de tais expressões parece alinhado com a indiretividade da pergunta inicial, como se o acordo tácito presente nessa interação fosse não nomear a ação criminal para, de certa forma, não materializar o conteúdo estigmatizante, evitando mais tensões do encontro. Além disso, João adia o quanto pode a informação-chave para o ponto da história: a causa da sua entrada para o tráfico.

Nessa coreografia em que nós dois nos engajamos, o que parece estar em jogo são normas de consideração e proteção que extrapolam as assimetrias sociais entre nós: enquanto sinto que João precisa ter oportunidade de se apresentar sob uma luz favorável; João sente que eu tenho direito a não ser confrontada por uma informação que ele sabe desafiar os parâmetros regulares de normalidade. Tudo que é dito e feito nessa entrevista precisa então ser analisado à luz de nossas diferenças, mas também dessa ordem interacional.

## 5. Acirrando as tensões

No próximo exemplo, prosseguimos em ambiente prisional, visitando uma pesquisa realizada com mulheres presas por tráfico de drogas e que se encontram atualmente em regime semiaberto no Rio de Janeiro (Biar *et al.*, 2021; Nascimento *et al.*, 2016). Dessa vez, procurei entender como tais mulheres construíam suas narrativas de entrada para o tráfico, focalizando especialmente as relações de causa e efeito mobilizadas e a sua associação a diferentes sistemas de coerência (Linde, 1993). Os resultados dessa pesquisa mostraram – e nota-se isso recorrentemente na literatura sobre mulheres no crime –, que as entrevistadas elaboravam suas explicações a partir da menção a uma relação amorosa disruptiva, que lhes retirava a agentividade. O “desvio”, então, nesse caso, é apontado direta ou indiretamente como consequência dessa relação. Nesse movimento, as entrevistadas normalmente se apresentavam sob os signos da “juventude”, “fraqueza”, “irracionalidade”, “ingenuidade”, “emoção” – todos índices recorrentes de um discurso hegemônico de feminilidade (compare-se, por exemplo, com os signos de “força”, “racionalidade”, “maturidade”, frequentemente atribuídos à masculinidade). A adesão frequente a esse discurso passivo e pervasivo da feminilidade produzia o efeito de absolver essas mulheres em relação às atividades no tráfico, ao mesmo tempo em que atuavam, no plano interacional, dirimindo tensões criadas pela situação de entrevista em função do estigma criminal.

Vejamos, porém, o que acontece no excerto transcrito a seguir, retirado de uma entrevista realizada com Aline, interna do sistema prisional no Rio de Janeiro, que se encontrava, na ocasião do encontro, trabalhando junto a uma organização de apoio à empregabilidade de mulheres presas. A entrevista foi realizada por dois alunos de Iniciação Científica. No pequeno trecho que reproduzo abaixo, apenas um deles conversa com Aline. Os participantes se conheceram no momento da entrevista.

**Excerto 2:** Aline

Vinícius	Você... é:: como é... deixa eu tentar reformular. >O que que aconteceu pra você ser presa?<
Aline	Eu? Tráfico.
Vinícius	Tráfico. >Meu.Deus.do.céu.que.tenso.< Tudo bem. Tráfico. Mas você trabalhava assim... ativamente, vo->como é que era isso?<
Aline	Eu trabalhava ativamente mesmo, traficava mesmo.
Vinícius	Traficava mesmo. Você:: mandando, fazendo coisas?
Aline	Mandando, fazendo, >fazendo tudo<.

Assim como no exemplo anterior, esses dados podem ser analisados a partir de outras dimensões discursivas, mas, por conta do foco deste artigo, privilegiarei, da interação entre Vinícius e Aline, apenas aspectos relativos à ordem interacional, procurando iluminar como a dinâmica entre entrevistador e entrevistada pode se fazer também relevante para reflexão sobre o tipo de dado gerado para a pesquisa.

Nota-se, nos alongamentos, pausas, reformulações e falas aceleradas da pergunta elaborada por Vinícius, o mesmo desconforto visto no exemplo anterior. Trata-se de um tópico delicado, com potencial ameaçador da face da entrevistada. Até aqui, tudo corre de maneira análoga ao que acontece no excerto 1. O cuidado na pergunta de Vinícius contrasta, no entanto, com a firmeza da resposta de Aline, que, ao contrário de João, recusa a indiretividade proposta, e definitivamente não oferece *accounts*. A hesitação de Vinícius e a diretividade de Aline formam um padrão que se repetirá em mais dois pares de pedido de confirmação-resposta na sequência da interação. Vinícius então repete a palavra “tráfico”, produzindo uma ênfase dramática e uma avaliação sobre seu potencial estigmatizante: “tensa”. Depois disso solicita um esclarecimento e elaboração de Aline sobre as suas funções no tráfico. Diferentemente do que costumava acontecer nas entrevistas com as demais participantes da pesquisa, Aline não aponta uma causa externa para a sua entrada no universo do crime, e se constrói como ativa em relação a suas ações, além de nomeá-las explicitamente.

Embora a entrevistada recuse uma narrativa longa, os papéis de entrevistador/entrevistada da ordem interacional estão bem assentados, e Aline produz um pequeno relato de ações recorrentes que parece desafiar outras expectativas de Vinícius sobre a interação. Um desconforto interacional – patente no aparente desconcerto de Vinícius e tranquilidade de Aline – fica, então, evidente. O entrevistador pede, novamente de modo hesitante, outro esclarecimento, a que se segue nova narrativa breve de ações recorrentes e explicitamente nomeadas, em relação às quais Aline se posiciona como sujeito.

Mas o que exatamente parece desconcertar Vinícius? Em termos de pressuposições sociais, alguma coisa não saiu como o esperado, provavelmente a expectativa de que Aline facilitaria as coisas e afrouxaria, no lugar de acirrar, o estigma criminal. É interessante observar o trabalho interacional

que Aline dá a Vinícius ao apontar tão diretamente o motivo da sua prisão. Na interação em tela, essa parece ser uma resposta “despreferida” (Ostermann, 2017), isto é, parece que uma regra interacional foi quebrada. Por conta de normas sociais mais macro e de nossas experiências prévias em relação a esse tipo de encontro, o que se esperava da Aline, uma “criminosa”, uma mulher, é que ela mitigasse sua agência sobre a entrada para o tráfico e correspondesse aos estereótipos de vulnerabilidade.

Entretanto, aqui, a face ameaçada parece ser a de Vinícius, que tem suas expectativas não-atendidas, e precisa manejar – sozinho – as consequências da fissura promovida por Aline. Seu nítido constrangimento é pista disso. Em outras palavras: se o esperado para Vinícius era se deparar com uma narrativa que tornasse a experiência desviante da entrevistada justificável ou ao menos compreensível, a recusa de Aline em cumprir com esse mandato dá a Vinicius um trabalho “extra”, patente na maneira como ele parece não se conformar com as respostas já dadas por Aline.

A cena fica ainda mais interessante quando se pensa que essa dinâmica interacional com Aline inverte a distribuição de poder típica do enquadre. De um ponto de vista mais macro, vemos também um trabalho político importante na apresentação que Aline faz de si: no lugar de aderir a um discurso hegemônico da feminilidade, a entrevistada o desafia, apresentando uma possibilidade alternativa de estar no mundo e lidar com o estigma criminal.

## 6. Subvertendo os papéis

O terceiro *flash* de pesquisa vem da dissertação de mestrado de Vitoriano (2015), que teve como cenário uma instituição socioeducativa para menores em conflito com a lei no Rio de Janeiro/Brasil. O objetivo geral da pesquisa era gerar entendimentos, a partir de atividades pedagógicas com potencial exploratório (cf. Miller *et al.*, 2020) – dentre elas a entrevista de pesquisa –, sobre a qualidade de vida nessa instituição, especialmente na escola da unidade. Cris, a pesquisadora, era uma jovem professora que já vinha realizando trabalho educacional voluntário na instituição. Abaixo, reproduzimos uma breve interação que antecede uma entrevista de pesquisa. Nessa cena, os participantes estão no final de uma aula sobre língua materna. Essa não era a primeira vez que Cris conduzia atividades com os alunos internos. Instantes antes da sequência que se vê a seguir, alguns alunos e Cris apagam juntos o quadro. A professora pretendia iniciar uma entrevista com um deles ao fim dessa atividade. O gravador já estava ligado.

Por conta do que vai acontecer na interação, é importante informar que a criminalidade do Rio de Janeiro, especialmente o tráfico de drogas, é dividida em grandes facções rivais, cada uma delas responsável pela atividade em determinadas áreas da cidade. Uma dessas facções é conhecida como “Comando Vermelho”. Em áreas de disputa territorial entre facções (inclusive prisões), vestir roupas vermelhas significava manifestar apoio ao Comando Vermelho. Por essa razão, essa cor é oficialmente proibida a visitantes e funcionários de instituições prisionais. Também é importante saber que a instituição onde essa interação acontece, abrigava apenas menores infratores de uma facção rival do Comando Vermelho, conhecida como Terceiro Comando.

**Excerto 3: Julio**

Julio	>Coé, mano<. Apaga aqui, professora ((referindo-se à letra de música escrita no quadro)), vai ficar horrível
Cris	Hã?
Julio	Meio vermelho isso daí? ((apontando para a blusa de Cris))
Cris	É rosa. Isso aqui é um rosa. É que já está velho já, mas é rosa.
Outro aluno	Toma, professora ((segurando o apagador)).
Cris	Põe ali em cima da minha mesa.

Nas primeiras linhas, vemos Júlio orientado para o enquadre de aula, referindo-se à Cris como “professora”. Mas, a partir de um certo momento, parece haver uma mudança nesse enquadre. A pergunta introduzida por Júlio muda abruptamente o tópico e cria uma demanda de justificativa da parte de Cris. A implicatura dessa pergunta depende também da ativação de uma informação compartilhada por todos no contexto: os conflitos e proibições relacionadas ao uso de roupas vermelhas. Júlio está pedindo a Cris que “esclareça” a cor da sua blusa. A pergunta é feita sem nenhum tipo de preâmbulo ou hesitação, e, curiosamente, é prontamente respondida por Cris, de forma enfática e pausada.

Descontextualizadamente, não temos como cravar a força ilocucionária do turno de Júlio: teria sido dúvida legítima? Uma provocação? Uma ameaça? A partir da resposta de Cris, entretanto, podemos notar o seu efeito. O que se opera na ordem interacional é uma redistribuição de papéis. A hierarquia do espaço escolar dá lugar a um outro tipo de hierarquia. Temos agora um interno/*insider* de uma instituição correcional, ligado a uma determinada facção, questionando uma *outsider*. Apesar de ser professora e pesquisadora naquele espaço, Cris prontamente presta conta de sua vestimenta.

Em uma metalinguagem goffmaniana, vemos que a pergunta de Júlio promove uma mudança no enquadre de aula, um realinhamento dos participantes e uma inversão da assimetria que costuma estar presente na relação professora/aluno ou entrevistadora/entrevistado (patente também no *account* produzido por Cris). Vemos também como a entrevistadora é confrontada com uma regra do contexto “macro”, que incide sobre a ordem interacional dessa cena, e provavelmente influencia o tipo de envolvimento que virá a seguir na entrevista.

## 7. Estranhando a resposta

No último exemplo, a pesquisa toma como campo os arredores de uma cadeia regular masculina do Rio de Janeiro, onde, uma vez por semana, nos dias de visita, uma fila grande de pessoas aguarda o horário para entrar na condição de parentes visitantes de homens presos. Essas filas, em geral, são compostas quase exclusivamente por mulheres negras, pobres, mães e moradoras de zonas periféricas do estado, que enfrentam uma jornada longa e por vezes degradante para estar ali. A dissertação de Albuquerque (2017) descreve tal cenário e relata entrevistas realizadas por ela com essas mulheres.

Nessas entrevistas foram contadas muitas histórias vicárias (Norrick, 2013), nas quais as colaboradoras narravam os crimes de seus pares. No exame dos dados, Albuquerque se interessou por descrever os recursos discursivos usados por essas mulheres para construir seus familiares sob uma luz favorável – por vezes inocentando-os. Naturalmente, ao fazer isso, como em efeito bumerangue, elas também construíam a si mesmas.

No excerto 4, Natália, uma jovem pesquisadora, entrevista Sílvia, mulher da classe trabalhadora casada com um interno acusado de estupro de uma filha gerada em casamento anterior. Assim como no exemplo 2, essa pesquisa é marcada pela falta de familiaridade entre as participantes, que se conheceram no momento da entrevista e há um importante contraste social entre as duas. Ademais, novamente está posta uma situação social em que narrativas sensíveis são demandadas.

A entrevista já estava em andamento há alguns minutos quando a sequência a seguir é construída. Sílvia até aqui havia contado por que razão o marido estava preso e se mostrava incrédula em relação à acusação de estupro. Segundo a entrevistada, a denúncia de estupro era descabida por várias razões, especialmente porque seu marido não teria o “perfil de estuprador”. Antes do trecho destacado, Sílvia seguia argumentando pela inocência do marido. Natália solicita então um esclarecimento sobre a ocasião em que seu marido fora preso:

#### **Excerto 4: Sílvia**

Natália	Qual foi sua reação? Você acreditou, na ho::ra?
Sílvia	Nenhum momento eu acreditei, sabe por quê? Por que eu sofri um estupro e eu sei a dor disso.
Natália	É?
Sílvia	Né? E ele que me deu vida, ele que me deu luz, é por isso que eu luto por ele
Natália	É.
Sílvia	É. Eu tenho maior amor por ele, ele não é isso.

Muitas coisas parecem importantes no excerto acima, inclusive uma informação de bastidores, o que faz dele talvez o mais difícil de analisar. A informação é que Natália teve muitas dúvidas sobre como aproveitar essa entrevista, visto que dela emergira uma informação íntima, inesperada e não solicitada. Segundo Natália, a situação havia sido um pouco constrangedora, e nos intrigava – a ela, pesquisadora, e a mim, supervisora da pesquisa – a maneira abrupta e direta como Sílvia contou sobre o estupro que sofreu, um tema tão delicado.

Temos nesses dados, me parece, um paradoxo inerente à atividade de entrevista de pesquisa e um conflito mais marcado de expectativas sobre a pesquisa. Uma situação social produzida e interpretada pelos participantes como um “encontro entre estranhas”, está também dentro de um enquadre institucional em que geralmente se solicitam informações íntimas. Entretanto, o estranhamento de Natália, assim como o meu, parecem pistas para o fato de que entrevistadora e entrevistada parecem operar com expectativas ou agendas diferentes em relação a essa entrevista.

Natália, uma estranha para Sílvia, solicitava uma informação íntima (a circunstância de prisão do marido), mas talvez não tão íntima quanto a narrativa entregue por Sílvia; era compreensível que Sílvia construísse para o marido uma imagem positiva, que amenizasse o estigma sobre ele, mas não que isso implicasse colocar a própria face em risco, trazendo à tona da interação uma informação estigmatizante sobre ela mesma. Que circunstâncias autorizam essa narrativa? O que sustenta a sua reportabilidade e por que ela gera estranhamento, apontando para uma quebra de expectativas? Haveria entre Sílvia e Natália uma diferença cultural sobre o que é constrangedor, e, portanto, sobre o que pode ou não pode ser dito? O enquadre de entrevista está sendo compartilhado? As participantes estariam projetando nesse enquadre normas diferentes?

Não temos respostas para todas essas perguntas, mas sabemos que associações entre enquadres e modos de interação (por exemplo, onde dizer coisas íntimas) variam entre classes e subgrupos (Briggs, 1983), e aí pode estar a explicação para o desconforto de Natália. Além disso, há que se considerar que esse é o único dos quatro excertos que põe em cena duas mulheres em interação, e sabemos que a identificação de gênero talvez tenha tido algum peso na iniciativa de Sílvia de compartilhar uma história de estupro. O drama apresentado por Sílvia reivindica solidariedade e alinhamento por parte de Natália; além disso, pode ter em vista uma outra audiência – pública, imaginada –, que poderia vir a questionar a defesa que Sílvia faz do marido. De qualquer forma, o episódio parece útil para se pensar nas diferentes forças que interagem sobre a entrevista, capazes de alterar sua dinâmica e forçar novos acordos.

## 8. Precisamos de mais um texto sobre entrevista?

No campo do discurso e da interação, poucas abordagens são completamente ingênuas em relação às dinâmicas intersubjetivas da entrevista. Muitas das ideias aqui trabalhadas remontam à década de 1980, ou seja, estão há quase 50 anos frequentando os diálogos acadêmicos do campo. Ainda assim, pouco se vê nas análises de entrevistas de pesquisa um olhar interacional que efetivamente atente para o trabalho conjunto realizado. Isso diz muito sobre a vitalidade de ideologias representacionistas na pesquisa social e sobre a necessidade de uma vez mais bater nessa tecla.

Na análise dos excertos acima, procurei dar relevo a alguns dos aspectos da ordem interacional dos encontros de pesquisa aqui revisitados. Por predileção teórica, destaquei como uma lente goffmaniana, atenta às pressuposições sociais, ao trabalho de face e ao manejo do estigma, ajuda a flagrar as estranhezas e cuidados próprios de encontros em que grandes diferenças sociais se destacam. Naturalmente, outras categorias ou caminhos analíticos poderiam ser empregados com o mesmo propósito. Meu objetivo com isso foi menos o de fornecer uma interpretação fechada dos dados do que fomentar a reflexão sobre o tanto que pequenas sequências de uma dada dinâmica interacional ajudam a iluminar o processo de geração e explicar a configuração dos dados da pesquisa.

Acredito que esses sejam exemplos de onde se extraem boas razões para desconfiar das respostas dos/as entrevistados/as enquanto imagens precisas sobre o que eles/as pensam, sentem ou viveram, e considerá-las relativas a fatores outros, como os sociointeracionais. Também se mostram úteis para

pôr à prova o controle do/a pesquisador/a sobre a atividade da entrevista, já que mostram ações e escolhas dos/as participantes demandadas por circunstâncias específicas da ação cooperativa.

Olhar para respostas dos/as entrevistados/as sem aliená-las da sequência interacional nos faz notar ainda um tipo de agentividade que passaria despercebida de outra maneira. Já falamos brevemente sobre como, numa concepção tradicional de entrevista, os/as entrevistados/as costumam ter poucos direitos sobre como suas falas serão representadas pelos/as pesquisadores/as (Briggs, 1983). Reparar nos pequenos movimentos nas atividades de perguntar e responder podem estar apontando para formas interessantes de resistência a essa desvantagem. Ao manejar estigmas, administrar conflitos e impor uma agenda própria, nossos/as entrevistados/as provocam pequenas fissuras em matrizes normativas e relações de poder naturalizadas. E isso não deveria passar em branco.

## 9. Encaminhamentos finais

Concluo este artigo apresentando algumas indicações práticas para o trabalho com entrevistas, que espero serem úteis para quem se envereda pela primeira vez por esse caminho. A lista abaixo, naturalmente, não é exaustiva, e se apoia nos princípios teóricos explicitados ao longo do texto:

1. Não importa se você sente que falou demais, falou de menos, se o roteiro de perguntas não foi seguido à risca ou se você sente que seu modo de perguntar induziu certas respostas. Se, em outras abordagens de pesquisa, uma questão fundamental foi a padronização dos estímulos de modo a provocar respostas também padronizadas e comparáveis, esta está longe de ser uma preocupação de uma abordagem orientada para a interação, como é o caso da Análise de Narrativa. Assim como em qualquer outro evento de fala, espera-se que todos os envolvidos interajam e afetem uns aos outros. O importante é considerar todas as escolhas, assim como os seus efeitos, na análise dos dados.

2. Em diferentes desenhos de pesquisa, você pode se perguntar se é adequado ou não entrevistar amigos/as, familiares ou pessoas que você conheça de outros contextos. A preocupação que devemos ter é a de deixar essa relação devidamente explicitada na seção metodológica do trabalho, como parte da descrição do contexto de pesquisa, e considerá-la na hora de interpretar o que acontece em interação.

3. Não deixe de gravar e transcrever sem edições a entrevista de pesquisa. O olhar para os detalhes interacionais representados graficamente possibilita enxergar pontos de interesse que possivelmente passam despercebidos ao ouvido enquanto estamos concentrados/as na atividade de entrevista. Lembre-se de que cada hesitação, silêncio e escolha léxico-gramatical é pista relevante para a análise. Além disso, a prática de transcrição de dados ainda nos dá a vantagem adicional de nos familiarizar bem com os dados.

4. É fundamental que tanto a fala dos/as entrevistados/as quanto a dos/as entrevistadores/as seja analisada. Para isso, tente não extrair resposta do seu contexto e não apagar da pesquisa as perguntas elaboradas por você. Repare nas formas de perguntar e responder como parte de uma mesma ação conjunta. Como nos lembra Mishler (1986), pergunte-se sobre o seu próprio papel em relação ao modo como as respostas são desenvolvidas e como ganham sentido.

5. Pergunte-se também sobre como o cenário em que se desenvolve a entrevista pode ajudar a dar forma ao que se conta. Pense, a esse respeito, no excerto 1 apresentado neste texto. Uma entrevista realizada fora da cadeia poderia ter eliciado narrativas diferentes? Como ambientes mais ou menos formais, ou mais ou menos familiares aos participantes podem se refletir nos rumos da conversa? Que outros fatores dessa natureza seriam relevantes?

6. Como lembra Briggs (1983), é preciso observar as normas que parecem operar sobre a entrevista no grupo estudado. Nossos/as entrevistados/as não necessariamente compartilham consigo expectativas sobre o que dizer e como agir em entrevista, e, além disso, podem ter agendas próprias para participar da pesquisa. Da mesma forma, tópicos que parecem óbvios para os/as pesquisadores/as podem significar outras coisas para nossos/as entrevistados/as. Por isso, não pressuponha compartilhamento de conceitos.

7. Observe os constrangimentos e desconfortos interacionais que porventura ocorram durante as entrevistas. Eles podem estar mais visíveis quando há grandes assimetrias de poder e status, mas costumam estar por toda parte. Esses momentos são especialmente ricos para observar pressuposições sociais e quebras de expectativas.

8. Embora essa questão tenha sido apenas lateralmente tratada neste artigo, pense também em como certos marcadores sociais como raça, classe, gênero, faixa etária, etc. podem estar informando o que acontece nas suas entrevistas. Não se esqueça de considerar como a entrevista, ou seja, a ordem interacional, pode estar atualizando uma dinâmica de poder e exclusão sustentada por essas assimetrias da ordem social.

9. Outra questão importante é estar sensível a como os/as entrevistados/as querem ser conhecidos por você ou pelos/as interlocutores/as que imaginam para pesquisa. Os grupos e pessoas que entrevistamos podem chegar à situação de pesquisa com demandas e agendas próprias, que devem ser levadas em conta, não só porque são relevantes para análise, mas também porque ajudam a pensar sobre as políticas de representação da pesquisa e tensionar a posição privilegiada do/a pesquisador/a.

10. Entrevistas podem ser imprevisíveis e surpreendentes quando deixamos espaço para isso. Não é um problema alterar os rumos e perguntas em função de um dado desviante em relação às nossas expectativas. Não perca a oportunidade de se surpreender com os dados e enxergar seu problema de pesquisa por novos ângulos propiciados pelos/as participantes.

## Referências

ALBUQUERQUE, N.C. *Mulheres na fila de visitação: a construção discursiva da inocência de parentes presos em narrativas vicárias*. 2017. 165f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

BAUMAN, R. *Story, performance and event: contextual studies of oral narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

BECKER, H. S. *Outsiders: Studies in the sociology of deviance*. New York: Free Press Glencoe, 1963.

BIAR, L.A. “Realmente as autoridades veio a me transformar nisso”: narrativas de adesão ao tráfico e a construção discursiva do desvio. 2012. 246f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2012.

BIAR, L. et al. A pesquisa brasileira em análise de narrativa em tempos de “pós-verdade”. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 21, n. 2, pp. 231-251, 2021.

BLUMER, H. Social psychology. In: SCHMIDT, E. P. (org.). *Man and society*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1937, p. 144-198.

BRIGGS, C. L. Questions for the ethnographer: A critical examination of the role of the interview in fieldwork. *Semiotica*, v. 46, n. 2-4, pp. 233-262, 1983.

BRIGGS Anthropology, Interviewing, and Communicability in Contemporary Society. *Current Anthropology*, v. 48, n. 4, pp. 551-580, 2007.

CICOUREL, A. V. *Method and measurement in sociology*. New York: Free Press of Glencoe, 1964.

CLIFFORD, J.; MARCUS, G. (org.). *A escrita da cultura: poética e política da etnografia*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2016 [1986].

COELHO, M, C. Sobre tropas e cornetas: apresentações à edição brasileira de writing culture. In: CLIFFORD, J.; MARCUS, G (org.). *A escrita da cultura: poética e política da etnografia*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2016. pp. 7-26.

DE FINA, A. Doing narrative analysis from a narratives-as-practices perspective. *Narrative Inquiry*, v. 31, n. 1, pp. 49-71, 2021.

DE FINA, A. Narratives in interview — The case of accounts: For an interactional approach to narrative genres. *Narrative Inquiry*, v.19, n. 2, pp. 233-258, 2009.

DE FINA, A; GEORGAKOPOULOU, A. Introduction: Narrative Analysis in the shift from texts to practices. *Text & Talk*, v. 28, n. 3, pp. 275-281, 2008.

DE FINA, A.; PERRINO, S. Introduction: Interviews vs. ‘natural’ contexts: A false dilemma. *Language in Society*, v. 40, n. 1, pp. 1-11, 2011.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *The landscape of qualitative research: Theories and issues*. Thousand Oaks, Sage, 2003.

FABRÍCIO, B.F. mobility and discourse circulation in the Contemporary world: the turn of the referential Screw. *Revista da Anpoll*, n. 40, pp. 129-140, 2016.

FABRÍCIO, B. F. Sociolinguística *Interacional: perspectivas inspiradoras e desdobramentos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

GOFFMAN, E. The Neglected Situation. *American Anthropologist*, v. 66, n. 6, pp. 133-136, 1964.

GOFFMAN, E. *Frame analysis: An essay on the organization of experience*. Harvard University Press, 1974.

GOFFMAN, E. The Interaction Order. *American Sociological Review*, v. 48, n. 1, pp. 1-17, 1983a.

Sobre entrevistas de pesquisa, intersubjetividade e a importância de não se negligenciar a situação

GOFFMAN, E. Felicity's condition. *American Journal of Sociology*, v. 89, n.1, pp. 1-53, 1983b

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GUBRIUM, J.; HOLSTEIN, A. From the individual interview to the interview Society. In: GUBRIUM, J.; HOLSTEIN, A. (org.). *Handbook of interview research: context and method*. London: Sage, 2003. pp. 3-32.

HARRIS, R. *Language, Saussure and Wittgenstein: how to play games with words*. London: Routledge, 1988.

HYMES, D. H. Sociolinguistics and the ethnography of speaking. In: ARDENNER, E. (org.). *Social anthropology and language*. London: Routledge, 1971. pp. 47-94.

LINDE, C. *Life stories: the creation of coherence*. Oxford: OUP, 1993.

NASCIMENTO, C. V. S. et al. A neutralização do estigma em narrativas de entrada para o tráfico: adesão e resistência a estereótipos de feminilidade. *Revista Brasileira de Iniciação Científica*, v. 3, pp. 5-24, 2016.

MILLER, I. K. et al. Teachers as practitioners of learning: the lens of exploratory practice. *Educational Action Research*, v. 28, pp. 1-15, 2020.

MISHLER, E. *Research interviewing: context and narrative*. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

NORRICK, N. R. Narratives of vicarious experience in conversation. *Language in Society*, v. 42, n. 4, pp. 385-406, 2013.

OSTERMANN, A.C. 'No mam. You are heterosexual': Whose language? Whose sexuality? *Journal of Sociolinguistics*, v. 21, n. 3, pp. 348-370, 2017.

RAPLEY, T. J. The art(fulness) of open-ended interviewing: Some considerations on analyzing interviews. *Qualitative Research*, n. 1, v. 3, pp. 303-323, 2001.

RIESSMAN, C. K. *Narrative methods in the social sciences*. Thousand Oaks, Sage, 2008.

ROCHA, D. et al. Entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexões numa perspectiva discursiva. *Polifonia*, v. 8, n. 8, pp. 1-19, 2004.

SANTOS, W. S.; BASTOS, L. C.; *A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas em análise da narrativa e da interação*. Rio de Janeiro: Quartet Faperj, 2013.

SCHUTZ, A. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

VITORIANO, C. V. Aqui na escola é assim": explorando o contexto socioeducativo. 2015. 165f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.